



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
COLEGIADO DE FILOSOFIA

PEDRO EDINGTON ANSELMO MONÇÃO COSTA

NOTAS SOBRE OS DIÁRIOS DA DISSIDÊNCIA:
HERCULINE BARBIN E PAUL B. PRECIADO

SALVADOR

2025

PEDRO EDINGTON ANSELMO MONÇÃO COSTA

NOTAS SOBRE OS DIÁRIOS DA DISSIDÊNCIA:
HERCULINE BARBIN E PAUL B. PRECIADO

Trabalho de conclusão de curso apresentado pelo estudante ao Colegiado de Filosofia, pertencente ao Departamento de Educação I da Universidade do Estado da Bahia, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientadora: Profa. Dra. Constança Barahona

SALVADOR

2025

PEDRO EDINGTON ANSELMO MONÇÃO COSTA

NOTAS SOBRE OS DIÁRIOS DA DISSIDÊNCIA:
HERCULINE BARBIN E PAUL B. PRECIADO

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de licenciada em Filosofia na Universidade do Estado da Bahia.

Salvador, 28 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Constança Barahona (UNEB) - Orientadora

Alexsandro da Silva Marques (UNEB)

Juliana Ortegosa Aggio (UFBA)

SALVADOR

2025

À Fabi, pelo meu nome e por tanto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço e reverencio os meus guias, que nunca me deixaram só.

Aos meus pais e meu irmão, que me ensinaram que o amor é força indomável que não conhece obstáculo.

À minha orientadora, que foi uma luz que se materializou.

Aos meus amigos Transmasculin@s (como eu) Theo, Chico, Din e Nico. A companhia de vocês me enche de vida.

RESUMO

A monografia apresenta notas a respeito dos diários da dissidência de Herculine Barbin e Paul B. Preciado à luz da filosofia de Michel Foucault. O problema é estabelecer como a criação do corpo sexual moderno coloca em circulação diversas tecnologias de poder que buscam normatizar os corpos que fogem ao sistema sexo-gênero. O objetivo da pesquisa é Investigar, na filosofia Foucaultiana e Preciadiana, como as noções de sexo e gênero serão criadas para a gestão da dissidência. Este trabalho propõe uma análise filosófica dessas escritas dissidentes, investigando de que modo as experiências de Herculine Barbin e Paul Preciado desestabilizam as categorias clássicas de sujeito, identidade e corpo. Ao colocar em diálogo duas figuras separadas por séculos, mas unidas pela fratura entre o corpo vivido e o corpo normatizado, busco pensar os limites e as potências da subjetivação dissidente.

Palavras-chave: Dissidência; Poder; Gênero.

ABSTRACT

This monograph presents notes on the diaries of the dissidence of Herculine Barbin and Paul B. Preciado in light of Michel Foucault's philosophy. The problem is to establish how the creation of the modern sexual body puts into circulation various technologies of power that seek to standardize bodies deviating from the sex-gender system. The research objective is to investigate, within Foucauldian and Preciadian philosophy, how the notions of sex and gender are created for the management of dissidence. This work proposes a philosophical analysis of these dissident writings, investigating how the experiences of Barbin and Preciado destabilize the classical categories of subject, identity, and body. By bringing into dialogue two figures separated by centuries but united by the fracture between the lived body and the standardized body, I seek to consider the limits and potentials of dissident subjectivation.

Keywords: Dissidence; Power; Gender.

SUMÁRIO

Introdução	10
1. Foucault	13
1.1 Poder e Corpos	15
1.2 Sexo e Verdade	18
2. Herculine ou o Rato de Laboratório dos Peritos do Sexo	20
2.1 O(a) Pseudo-Hermafrodita	22
3. Preciado	25
3.1 Farmacopornografia	28
3.2 Tecnogênero	30
Considerações Finais	34
Referências Bibliográficas	36

Minha navalha carrega o fio da vida
Minha voz está cansada de gritar
Sei que o meu caminho é só de ida
E a gente não vai recuar
Esperar o amor, mas andar com medo
Eu mereço muito, muito mais
Espero ter sorte, não morrer tão cedo
Eu sei, eu mereço andar em paz
Andar em paz, eu mereço
Mereço sorrir, mereço cantar
Andar em paz, eu mereço
Mereço sorrir, mereço amar
Andar em paz, eu mereço
Mereço viver, mereço cantar
Andar em paz, eu mereço
Mereço que parem de me matar.

Andar em Paz

Urias
2019

INTRODUÇÃO

“Sou um dissidente do sistema sexo-gênero” (2020, p.25) declara Paul B. Preciado e a cada dia, ouvimos falar de mais relatos da dissidência. Chegou o momento de tirar as vendas, o apertado véu do privilégio, de parar de fingir que a violência não ocorre. Se acreditamos ser a filosofia uma atitude crítica, o que nos impede de revisar certos conceitos? Aqui, gênero e sexualidade não são simplesmente processos de identificação, escolhas, orientações, desejos, verdades individuais. O regime da diferença sexual parece rachar, e será por essa fenda que pesquisaremos, isto é, o gênero e a sexualidade serão entendidos nesta pesquisa enquanto invenções políticas, não mais como as crenças que nos cerceiam.

Partiremos da sexualidade produtiva de Michel Foucault para o gênero tecnológico de Teresa de Lauretis, sendo retomado e endossado por Preciado, que complementa: O gênero é uma tecnologia médica. Fazemos apenas algumas reflexões desse diálogo filosófico junto aos registros dos diários da dissidência de Herculine Barbin e Paul B. Preciado. Ao deslocamento conceitual proposto pela escrita desses corpos dissidentes, nos questionamos: como o poder faz o controle de corpos que fogem ao sistema sexo-gênero? Como resistir às formas de captura do saber-poder?

Seguiremos a tese de Preciado de que as identidades do Transexual e do Hermafrodita marcam o estopim da criação de todo tipo de aparato de gênero desde o final do século XIX até os dias de hoje. Sendo estes os(as) pacientes modelo usados como os ratos de laboratório dos limites da feminilidade e da masculinidade, serão trazidos, junto aos seus diagnósticos, como um contraponto ao saber-poder que os normatiza. Se apontam a monstruosidade do dissidente, é por estarem velados com suas verdades delirantes. O grande monstro é apenas “aquele cuja face, corpo e práticas ainda não podem ser considerados verdadeiros em um regime de conhecimento e poder determinados” (Preciado, 2022, p. 20).

Este trabalho propõe uma análise filosófica dessas escritas dissidentes, investigando de que modo as experiências de Herculine Barbin e Paul Preciado desestabilizam as categorias clássicas de sujeito, identidade e corpo. Ao colocar em diálogo duas figuras separadas por séculos, mas unidas pela fratura entre o corpo vivido e o corpo normatizado, buscamos pensar os limites e as potências da subjetivação

dissidente.

Em relação aos textos que fundamentaram a pesquisa, passo a expor a metodologia utilizada. A respeito de Michel Foucault, selecionamos alguns textos da sua fase genealógica, entre 1971-1979, principalmente *História da Sexualidade* (1976) e o *Diário de Herculine Barbin* (1978), mas também utilizamos a aula de 17 de março de 1976 do *Curso no Collège de France* e *Microfísica do Poder* (1978). De Teresa De Lauretis trabalhamos o texto *A tecnologia do gênero* (1987). E de Paul B. Preciado usamos majoritariamente *Testo Junkie* (2008), mas contamos com muitos outros escritos dele elencados em nossas referências bibliográficas.

No primeiro capítulo apresentaremos Michel Foucault para além do teórico do poder. Nos interessa o homem *gay* que revolucionou os estudos filosóficos sobre sexualidade. Suas formulações conceituais serviram como uma espécie de caixa de ferramenta que possibilitou a ampliação dos estudos envolvendo corpo, identidade, sexo, poder, sexualidade e gênero. A teoria *queer* será aqui vista como um campo teórico e prático que foi fortemente influenciado por seu pensamento.

No subcapítulo dedicado à temática do “Poder e Corpos” abordaremos a concepção de poder para Foucault. Na modernidade, o capitalismo e as mudanças no campo do direito geraram uma nova forma de poder: o biopoder, criador de tecnologias que buscam penetrar nos corpos (individuais e populacionais) formas sofisticadas de controle e produção. A aposta do filósofo para a análise do poder será então uma investigação direcionada a buscar nos corpos os rastros dos mecanismos que os dominam, através do chamado método genealógico.

Já em “Sexo e Verdade” veremos que o filósofo, ao se propor a fazer uma genealogia do sexo, contraria a hipótese represiva Freudiana e defende o campo da sexualidade enquanto um dispositivo de subjetivação de corpos. Analisaremos como o discurso acerca do sexo está envolto de um saber-poder que mascara estratégias de normatização em verdades científicas.

No segundo capítulo “Herculine ou o rato de laboratório dos peritos do sexo” apresentaremos o diário de Herculine Barbin. O escrito foi feito por uma pessoa do século XIX que foi diagnosticada com hermafroditismo masculino, relatando sua trajetória dissidente e trágica. Michel Foucault recupera esse manuscrito de relatórios médicos e problematiza as questões de verdades presentes no discurso médico sobre sexo e corpos.

Na seção “O Pseudo-Hermafrodita” veremos como uma mudança na jurisprudência em relação ao direito dos então chamados ‘hermafroditas’ da Idade Média na verdade aponta para uma nova mentalidade sobre o sexo na Modernidade. Se antigamente o ‘hermafrodita possuía algum direito político sobre seu sexo, o corpo do(a) “pseudo-hermafrodita” da Modernidade será capturado pelo dispositivo da sexualidade. O saber médico que até então era orientado pelo regime monossexual, a partir da modernidade, passa a ser gerido por um novo regime: a diferença sexual.

No capítulo três, apresentaremos o filósofo transfeminista Paul B. Preciado e a filósofa feminista Teresa De Lauretis que retomaram as discussões sobre poder, sexo e técnica elaborados por Michel Foucault, desta vez a partir da análise do gênero. Há em De Lauretis um processo de desidentificação de gênero como forma de resistência à dominação total do gênero. Esse processo serve de influência ao filósofo trans que pretende continuá-lo, com suas particularidades.

Na parte intitulada “Farmacopornografia” apresentaremos tal conceito de Paul B. Preciado, referente a um novo regime de poder e sujeição do capitalismo contemporâneo. Partindo de conceitos foucaultianos como dispositivo e biopolítica, Preciado busca atualizar a análise das técnicas de poder sobre os corpos a partir dos avanços técnicos ocorridos desde o pós-guerra. Os avanços da indústria farmacêutica e da indústria do sexo serão aqui vistos como o estopim que possibilitou a criação do gênero.

Por fim, em “Tecnogênero”, outro conceito Preciadiano, abordaremos o gênero como uma rede técnica, fruto de uma tentativa do poder de normatização de corpos dissidentes. Os rápidos avanços dos saberes protocolares cirúrgicos e endocrinológicos servirão como uma tentativa desesperada de manter a naturalização do regime de diferença sexual. Aqui os corpos de Interssexuais e Transsexuais passarão por inúmeras transformações a fim de enquadrá-los em um regime que antes os deixavam à margem, essas práticas violentas serão vistas enquanto evidências da produção hegemônica da norma heterossexual.

1. FOUCAULT

Michel Foucault (1926 - 1984) foi um desses filósofos em que vida e obra se confundem, o fato de ter sido um homem homossexual possivelmente tenha contribuído para a criação da sua tese da sexualidade ser uma tecnologia política. Dedicando o fim de sua vida, mesmo doente de AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) no contexto histórico em que era considerada uma “doença inexorável” (Guibert, 2023, p. 11)¹, a terminar sua coleção *História da sexualidade*. Seu amigo Mathieu Lindon no livro *O que amar quer dizer* o descreve assim: “Michel desenvolve ao seu redor, graças às suas irrefutáveis gentileza e inteligência, outra criação do mundo, uma invenção dos vínculos amorosos e sexuais, dos corpos e dos sentimentos.” (2023, p. 108).

A atualidade do seu pensamento serve a seu modo de fazer filosofia, que conserva um caráter inteiramente cético, não se preocupa em formular grandes verdades, mas ao contrário, entender como as verdades são formuladas. Assim descreve *História da sexualidade*: “Este livro é, ao mesmo tempo, introdução e como que uma primeira abordagem: indicação de alguns pontos historicamente significativos e esboço de certos problemas teóricos.” (Foucault, 2014a, p. 13). Seu método genealógico, que será melhor explorado na segunda seção deste capítulo, consiste em evidenciar o discurso como um efeito do seu tempo e por isso mesmo, político, entendendo a verdade enquanto contingência histórica e assim possibilitando novas perspectivas do contemporâneo. Esse caráter indicativo que usa para descrever sua obra é a sua pretensão filosófica, um meio de “instrumentalizar” o discurso (Bourcier, 2020, p. 172), recorrer a materialidade das verdades para apontar suas falhas. Nos diz Oksala:

Suas genealogias são melhor entendidas como uma *caixa de ferramentas*, uma abordagem metodológica flexível e variada que recorre a uma multiplicidade de fontes e é aplicável a uma variedade de questões. (2018, p. 115, grifo nosso).

Por essa potência, há uma tradição na filosofia contemporânea de “queerização de Foucault” (Bourcier, 2020, p. 164). As conexões que elabora entre saber, poder e sexualidade o transformaram no “catalisador intelectual mais importante da teoria

¹ Hervé Guibert possui uma narrativa crua na sua obra *Ao amigo que não me salvou a vida*. Ele começa o texto após receber o diagnóstico de infecção do vírus e termina quando já está bem próximo da morte. Também amigo de Michel Foucault e assim como na obra de Mathieu Lindon, ele descreve os últimos dias de vida do filósofo, mas troca seu nome por “Muzil”.

queer". (Spargo, 2017, p. 7). Veremos no capítulo três, exemplos de filósofos contemporâneos que fazem essa leitura como Paul B. Preciado e Teresa De Lauretis, primeira a citar o termo "*queer theory*" (Bourcier, 2020, p. 185). Entendendo por teoria *queer* um acervo que reúne:

Uma gama diversificada de práticas e prioridades críticas: Interpretações da representação do desejo entre pessoas do mesmo sexo em textos literários, filmes, músicas e imagens; análises das relações de poder sociais e políticas da sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; estudos sobre identificação transexual e transgênero, sobre sadomasoquismo e sobre desejos transgressivos. (Spargo, 2017, p. 8).

Esse campo teórico político é composto por corpos considerados impróprios, desviantes, anormais em um regime de poder heteronormativo. A teoria queer problematiza e politiza o corpo, o saber e a produção de verdade (Bourcier, 2020, p. 164), é justamente a inversão do enunciado, do abjeto patologizado ao sujeito politizado, é a voz do monstro que se levanta do divã e fala por si (Preciado, 2022), questionando essas identidades impostas e confrontando as normas heteronormativa "por meio de estratégias ao mesmo tempo hiperidentitárias e pós-identitárias" (Preciado, 2011, p.15). Em suma, essa teoria/prática é a produção da história dos corpos marginalizados que preferem deixar mais evidente suas diferenças à se normalizarem.

A importância da filosofia de Michel Foucault para essa teoria política mais do que sua *história da sexualidade* é a caixa de ferramentas que deixa para o contemporâneo se apropriar. Através das análises do seu método é possível repensar conceitos essenciais para a politização dos dissidentes, tais como: Poder, corpo, sexo e verdade. Elementos que serão trabalhados nas páginas seguintes. Mathieu Lindon na obra já referida talvez tenha tido um presságio assertivo quando supôs que seu amigo filósofo possibilitaria uma outra criação do mundo. A teoria queer é a prova disso, um novo mundo surge, o mundo dos dissidentes.

1.1 PODER E CORPOS

“O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo” afirma Michel Foucault (1989, p. 83). Essa sentença nos leva a perguntas como: o que é o poder? Quem o possui? Qual é a relação entre poder e corpos? Eis as perguntas que nortearão o primeiro capítulo desta pesquisa.

Comumente a ideia de poder nos leva ao imaginário criado pelas teorias de soberania clássica onde existe um poder centralizado na figura de um Rei, um Estado, um pai, que o detém e que subjuga todos(as) os(as) outros(as) desprovidos(as) dele, dado seu caráter exclusivo e também negativo, pois funciona por proibições, leis e sanções. Em contraste, Foucault investiga o poder em um outro nível². Ao menos nos últimos dois séculos as estratégias relativas ao poder extravasaram o Estado moderno, demonstrando que o domínio se trata de uma situação muito mais complexa do que uma simples ordenação hierárquica. É a partir da análise desse novo modo de governo que surgem “novos procedimentos de poder que funcionam não pelo direito, mas pela técnica, não pela lei, mas pela normalização, não pelo castigo, mas pelo controle” (Foucault, 2014a, p. 98) , como bem nota o filósofo Michel Foucault e assim desenvolve sua analítica do poder.

O poder é “um campo múltiplo e móvel de correlações de forças, onde se produzem efeitos globais, mas nunca totalmente estáveis, de dominação.” (Foucault, 2014a, p. 112). Um certo jogo de forças entre o domínio³ e as resistências⁴ que se exerce a nível relacional, isso significa dizer que as relações de poder são “suscetíveis de serem produzidas em toda parte [...]. Sobretudo no lugar onde pensamos não encontrá-lo.” (Bourcier, 2020, p. 170). Longe do caráter exclusivo e centralizado da soberania clássica, todos(as) estamos imersos(as) nas relações de poder, podendo inclusive exercê-lo em uma escala micro, tratando-se de “uma ação sobre a ação do outro por

² "O nível em que eu gostaria de seguir a transformação [do direito] não é o nível da teoria política, mas, antes, o nível dos mecanismos, das técnicas, das tecnologias de poder" (Foucault, 2010, p. 288).

³ “A dominação deve ser entendida como um estado de cristalização das relações de poder, ou seja, quando essas relações se tornam imóveis e fixas, assimétricas e violentas.” (Aggio, 2019, p. 122)

⁴ [As relações de poder]“Não podem existir senão em função de uma multiplicidade de pontos de resistência que representam [...] o papel de adversário, de alvo, de apoio, de saliência que permite a apreensão.” (Foucault, 2014a, p. 104).

mecanismos mais ou menos coercitivos – por consentimento, persuasão, sedução, imposição, coerção e, no limite, por força.” (Aggio, 2019, p. 118).

Qual é a relação entre poder e corpo? O que significa o poder penetrar o corpo? Esse novo modelo de governo que é posto em análise é nomeado de ‘biopoder’ (Foucault, 2010, p. 289).

Surge no século XIX, após transformações radicais no campo do Direito, consolidação dos estados modernos e crescimento de uma economia global que se preocupa apenas com a circulação do capital e seu acúmulo. Seu campo de ação política é o controle da vida e a exposição à morte⁵. As tecnologias que se firmam junto a esse novo Direito buscou a garantia da “inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e [...] um ajustamento dos fenômenos da população aos processos econômicos.” (Foucault, 2014a, p. 152). Nas sociedades capitalistas houve um domínio gradual sobre os corpos:

Depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo (a disciplina) que se fez consoante o modo de individualização, temos uma segunda tomada de poder que por sua vez, não é individualizante mas é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do *homem-corpo*, mas do *homem-espécie*. (Foucault, 2010, p. 289, grifo nosso).

Esse poder fundará o novo paradigma político dos Estados modernos: a biopolítica. A partir disso, serão criadas diversas tecnologias para o controle e regulação da vida, muitas delas com foco naquilo que o sujeito tem de mais material e pessoal: seu corpo. A primeira e mais antiga dessas tecnologias que compõem a soberania moderna foi contemporânea ao fenômeno da industrialização, o funcionamento dela se deu na disciplinarização do corpo do(a) sujeitoado(a) através de um treinamento corporal que buscou produzir “novos tipos de gestos, hábitos e habilidades.” (Oksala, 2018, p. 118). A criação de regras e limites ao corpo nas instituições teve por objetivo “em um mesmo movimento, aumentar ao máximo sua eficiência e diminuir as chances de resistência dos corpos disciplinados.” (Morais, 2023, p. 409). Essa tecnologia da disciplina envolveu uma maquinação do corpo com foco em uma melhoria do seu funcionamento, visando a construção de corpos úteis e dóceis (Foucault, 2010, p. 297).

A segunda tecnologia do biopoder aparece um pouco mais tarde, contemporâneo ao processo de urbanização. E também se dirige ao corpo, mas enquanto o poder disciplinar se dirige ao corpo individual, ela se dirige ao que Foucault chamou de

⁵ "O direito de soberania é, portanto, o de fazer morrer ou de deixar viver. E depois, este novo direito é que se instala: o direito de fazer viver e de deixar morrer." (Foucault, 2010, p. 287).

homem-espécie e, posteriormente, população. O conhecimento que se consegue extrair das probabilidades em relação aos fenômenos da vida como natalidade, doença, fome, longevidade, saúde, passam a fazer parte das pautas do Estado. A função dessa tecnologia é a de “levar em conta a vida, os processos biológicos do homem-espécie” e de garantir sobre eles “uma regulamentação” (Foucault, 2010, p. 294). Os mecanismos do biopoder visam uma escala global de corpos e os regularizam, vigiam, modificam e controlam.

Com a premissa de que o poder está exposto no corpo, este passa a ser elemento central para entender os efeitos do poder que o constitui. É se voltando para o corpo que o filósofo desenvolve seu método genealógico que pretende “colocar sob suspeita e submeter uma análise mais aprofundada todas as alegações do seu ser imutável.” (Oksala, 2018, p. 116). Seu método “permite pensar o regime de verdades sobre o corpo [...] gestados pelos saberes científicos, pelos saberes que delimitam sentidos possíveis e coíbem os demais sentidos.” (Adams *et al.*, 2016, p. 9). Se o poder se encontra exposto nos corpos é porque internalizamos os mecanismos de poder, nos misturamos a eles. Nos diz Oksala:

Os discursos científicos produzem verdades que funcionam como a norma: eles nos dizem qual é o percentual normal de gordura, a contagem de colesterol ou o número de parceiros sexuais para um determinada sexo e faixa etária, por exemplo. *O poder moderno opera por meio da internalização dessas normas*. Nós modificamos o nosso comportamento em uma tentativa interminável de nos aproximarmos do normal, e neste processo nos tornamos certos tipos de sujeitos. (Oksala, 2018, p. 119, grifo nosso).

Não é apenas o sujeito que busca enquadrar-se a uma normalidade, as técnicas de poder também buscam modificar os corpos a fim de normalizá-los, um duplo exercício de mesmo fim. A genealogia ao fazer o exame de documentos históricos tem como finalidade demonstrar a relação entre verdades e corpos. Veremos no segundo capítulo o caso de Herculine Barbin, uma pessoa do século XIX que ao ter um diagnóstico de hermafroditismo masculino passa por uma transição de sexo envolvendo instâncias jurídicas e médicas, que acaba por modificar toda sua vida. O processo de normatização vai ser para Herculine uma fatalidade, que opta, por fim, por tirar sua própria vida.

Nem a força do Soberano seria capaz de reger tantos corpos, foi preciso ao poder se infiltrar através de técnicas que se incorporam nos sujeitos para manter seu domínio. O biopoder, a grande tecnologia da modernidade, usará o corpo do sujeito como casca. Mas justamente por isso, por se encontrar em um lugar acessível, podemos identificá-lo. Se Michel Foucault se dedica à história de Herculine para falar do discurso médico

acerca do sexo é porque naquele corpo hermafrodita se encontram os mecanismos responsáveis por sua morte.

1.2 SEXO E VERDADE

Em sua *História da Sexualidade*, Michel Foucault contraria a hipótese repressiva de Sigmund Freud (1856 – 1939). Sua tese é a de que nunca houve uma grande repressão ao sexo desde as épocas clássicas, ao contrário disto, houve “inventividade perpétua, produção constante de métodos e procedimentos.” (Foucault, 2014a, p. 168), herdado do medo do pecado, as primeiras tecnologias voltadas ao sexo surgem no fim do século XVIII (idem, p. 126). É na vigilância em torno do sexo dos(as) jovens integrantes de famílias burguesas que se começa uma preocupação com o sexo e, em seguida, uma “psiquiatrização” das condutas mal vistas (idem, p. 131). Sendo difundido apenas durante o século XIX para as camadas populares, quando o problema do sexo torna-se um problema do Estado (idem, p. 126).

Se, como vimos, as tecnologias do poder voltam-se ao corpo individual (homem-corpo) e ao corpo populacional (homem-espécie), o sexo encontra-se justamente como um ponto comum entre os corpos, interessando ao poder como um elemento de “maior instrumentalidade” (Foucault, 2014a, p. 112). Suas questões ao mesmo tempo que individuais possuem efeitos globais, não à-toa “a sociedade do biopoder é uma sociedade do sexo” (Nogueira e Camilo, 2016, p. 37). É nos estudos científicos sobre a sexualidade que o poder constituirá toda uma “uma rede de somato-poder” (Adams, 2016, p. 2), com a criação de diversas tecnologias a serem incorporadas pelos sujeitos. Foucault definirá a sexualidade como:

O nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (Foucault, 2014a, p. 115).

O sexo não é o significante de uma verdade subjetiva como queriam a psicanálise e a medicina do século XIX, mas será descrito para o filósofo como um dispositivo capaz de agrupar “elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres” (Foucault, 2014a, p. 168) em uma unidade que se passa por natural, mas que não deixa de ser um campo do poder. Entendendo dispositivo como:

Um conjunto absolutamente heterogêneo que implica discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito. (*apud*, Agamben, 2009, p. 24).

O dispositivo é uma rede estratégica em um dado momento político capaz de agrupar diferentes elementos e condicionar uma relação entre saber e poder. Ele é a concentração de discursos a respeito de algo e de estratégias que trazem para a *práxis* os efeitos destes discursos. O que o caracteriza é sua ação de capturar o sujeito, promover um processo de subjetivação, ou dito de outro modo, “produzir o seu sujeito.” (Agamben, 2009, p. 37). É, em suma, a instrumentalização política de um saber e possui como finalidade uma transformação do sujeito.

Assim como a diversidade do seu conteúdo, o dispositivo de sexualidade possui para cada época de atuação um objeto, um foco, um direcionamento, uma face. Foucault elenca quatro conjuntos estratégicos desta tecnologia a partir do século XVIII: 1) A Histerização dos corpos das mulheres, 2) A Pedagogização do sexo das crianças, 3) A Socialização das condutas de procriação e 4) A Psiquiatrização do prazer perverso. Cada face corresponde a um conjunto de protocolos e intervenções medicinais que elege um ou vários corpos enquanto inimigo social. Entender a sexualidade como um dispositivo significa dizer que a identidade sexual é efeito “resultante dos saberes-poderes disciplinares (a *scientia sexualis* em seu conjunto)” (Bourcier, 2020, p. 171). Construção sofisticada e política e não uma simples verdade pessoal.

O que sabemos a respeito das coisas perpassa o discurso que envolve e direciona nosso olhar. O sexo não é uma simples prática, a respeito dele encontra-se um modo de fazer e também de entendê-lo. A sexualidade, o nosso desejo do sexo, foi captado por um saber científico que o impregnou de normas. Assim, nos discursos acerca do sexo pensamos que algumas práticas são mais saudáveis que outras, que algumas práticas são repugnantes e outras verdadeiras. Mais do que um atributo natural, a sexualidade é um campo de saber/poder, capaz de moldar nossas condutas e de segregar sujeitos.

2. HERCULINE OU O RATO DE LABORATÓRIO DOS PERITOS DO SEXO

“O que tenho a dizer são coisas que para muitos não passarão de inacreditáveis absurdos, pois ultrapassam, de fato, os limites do possível. Para estes, será difícil, sem dúvida, saber exatamente quais foram as sensações que tive, com as excepcionais estranhezas da minha vida. Só posso pedir-lhes uma coisa: que estejam antes de mais nada convencidos da minha sinceridade.”
(Herculine Barbin, 1982)

O corpo de Adélaide Herculine Barbin foi encontrado em um modesto quarto de um pensionato em Paris no ano de 1868. No mesmo cômodo também continha um manuscrito intitulado “minhas memórias” onde estava o relato de sua trajetória dissidente. Fazia oito anos desde que o diagnóstico de *Hermafroditismo Masculino* lhe havia sido atribuído, aos seus 21 anos de idade, e iniciado uma transição de sexo, por isso acabando por ser enterrada sob o nome de Abel Barbin, sua nova e breve identidade sexual.

Escrito quatro anos após seu diagnóstico e cinco anos antes do seu suicídio aos 25 anos, Herculine começa seu texto evocando a infância em uma pequena cidade da França onde as instituições educativas eram organizadas, exclusivamente, pelo sexo e regidas pela religião católica. É com saudosismo que Herculine lembra do asilo, do convento e da escola, como os anos felizes de sua vida, antes do diagnóstico e do escândalo.

Michael Foucault encontra seu diário em meio aos arquivos do departamento de Charente-Maritime e o publica em 1978 juntamente com um *dossier* médico sob o título *Herculine Barbin, dite Alexina B.* em sua coleção *Vidas paralelas*. Onde, invertendo o conceito de Plutarco (46 d.C. – 120 d.C), o filósofo denominou paralelas não as vidas de homens ilustres e exemplares, mas daquelas vidas, que em função da sua singularidade radical, não poderiam nunca se encontrar em uma paralela, pertencentes a outras paralelas:

Foucault quer pensar outras vidas. Vidas paralelas, sem dúvida, mas imagina essas paralelas de maneira nova [...] São alteridades extremas. Não existindo um ponto de convergência, jamais poderiam ser exemplares: o renome se perde, mas principalmente porque, em função de sua singularidade, elas são condenadas [...] São vidas esquecidas, silenciadas. (Andrade, 2007, p. 234-235).

Primeiramente o diário tinha sido publicado pelo médico Auguste Tardieu em sua obra *A questão médico-legal da identidade* de 1874, onde atribui a tragédia do fim precoce da vida de Barbin como efeito de “uma constatação errônea do sexo de um recém-nascido.” (Foucault, 1982, p. 114). Mesmo Herculine contando com todos os esforços promovidos pela ciência e pela justiça para “devolver-lhe” seu verdadeiro sexo (Foucault, 1982, p. 113). Essas lembranças resgatadas de relatórios médicos em meio a tantos outros, fazem ressoar o eco de uma vida atormentada pela verdade do sexo, pela verdade de si. Nos diz Herculine sobre sua transição:

Fui levada pelo impulso de um dever a ser cumprido [...] Mais tarde eu me arrependeria amargamente daquilo que então eu considerava um imperioso dever. O mundo logo me ensinaria [...] E me puniria cruelmente por isso. (Foucault, 1982, p. 77-78).

Ao incorporar seu diagnóstico, Herculine fez da sua vida uma missão ética quase divina, consertar o erro da natureza. Mesmo que isso significasse se apartar de sua cidade, sua família, seu trabalho, seu romance, do seu sexo e nome. Qual verdade está inscrita nos seus órgãos cientificamente confusos? E como ela impediu a autonomia de Herculine? Não pretende-se aqui fazer um estudo psicológico da situação psicoemocional de Herculine. O que importa a nossa pesquisa é identificar quais tecnologias este corpo dissidente foi submetido após seu diagnóstico, para investigar como o poder faz o controle de corpos que fogem ao sistema sexo-gênero. A pergunta que fazemos é: o que aconteceu com esse corpo ao tornar-se anormal?

Desde a emergência dos discursos médicos e jurídicos sobre a sexualidade no século XIX, o corpo tornou-se um campo de disputa entre normalização e dissidência. A história de Herculine Barbin é exemplar nesse sentido, hermafrodita francesa cuja vida foi documentada e patologizada por instituições da época. Sua autobiografia, resgatada por Michel Foucault, mostra como o sujeito é moldado pelas práticas de poder.

2.1 O(A) PSEUDO-HERMAFRODITA

Desde a antiguidade se produziu uma jurisprudência variada a respeito dos chamados hermafroditas, um corpo que abriga os dois sexos sob particularidades individuais. Na Idade Média, o(a) hermafrodita poderia trocar ou manter o sexo (que haviam lhe atribuído no batismo), uma única vez, durante seu casamento, podendo também ser posteriormente condenado(a) caso não vivesse conforme o sexo escolhido. No entanto, é na modernidade que o conceito de ‘hermafrodita’ é apropriado pelo discurso médico e reduzido a disposição dos órgãos sexuais e à determinação da sua identidade sexual primeira (Foucault, 1982, p. 1-2).

A hipótese de dois sexos em um corpo é excluída frente aos novos saberes medicinais e a antiga figura ambígua do(a) hermafrodita passa a ser a nova identidade clínica do(a) pseudo-hermafrodita. Para cada corpo, um único sexo. O sexo vira responsabilidade do perito e não é mais concebido uma eventual possibilidade de contestação do sujeito. Da ciência sexual nasce um especialista capaz de traduzir os “disfarces da natureza” (Foucault, 1982, p. 2) e determinar o verdadeiro sexo de cada corpo.

O(a) hermafrodita passa a ser *pseudo*. Nessa nova mentalidade não há possibilidades de um corpo abrigar dois sexos, a verdade científica era a de que um corpo poderia abrigar apenas um sexo, os(as) pseudo-hermafroditas são considerados(as) então “falsos andróginos, seres equivocados e muitas vezes ignorantes de sua real condição sexual” (Leite, 2009, p. 307). Eles(as) pertencem ao campo das anormalidades sexuais e por isso precisam (como no caso de Herculine) de uma intervenção especializada.

Duas motivações principais fazem da história de Herculine a tarefa do filósofo:

A primeira é a de que na época histórica do seu processo de subjetivação, um momento denominado pelo filósofo de “caça à identidade” (Foucault, 2014a, p. 5), houve a catalogação de toda identidade sexual, a separação delas entre saudável ou perversa e o desenvolvimento de protocolos de correção sexual. Sendo criado a respeito do sexo “um papel de normalização e patologização de toda a conduta.” (Foucault, 2014a, p. 115)

A segunda motivação é a dificuldade de identificação do seu sexo. Seu diário é

usado nos relatórios médicos como prova de sua condição infeliz, como relata Tardieu:

Difícilmente encontraríamos história mais dolorosa, contada em tom mais sincero, e ainda que *a narração em si não contivesse uma verdade impressionante*, teríamos nos documentos autênticos e oficiais que aqui reúne, a prova de que ela é da mais perfeita exatidão. (Foucault, 1982, p. 114, grifo nosso).

O próprio médico parece decepcionado, não à-toa, termina por descartar a segunda parte do diário, nunca mais recuperada⁶. Mesmo o diário sendo escrito depois da sua transição e em diálogo ao saber médico, o filósofo conclui: “ela tem sempre para ela mesma um sexo incerto” (Foucault, 1982, p. 6) e atribui o motivo do seu falecimento a uma dificuldade de adaptação à sua nova identidade imposta. Mesmo se tratando de uma tragédia, conserva no registro da própria história seu tensionamento ao dispositivo da sexualidade. A sinceridade de Herculine não é tocada pela verdade do sexo:

E à pergunta dos médicos e juizes: “Qual seu verdadeiro sexo?”, Barbin responde virtualmente com outra: “Precisamos verdadeiramente de um verdadeiro sexo?”. Resposta-pergunta que não é somente uma resistência, mas também uma transgressão: ela desarticula a questão central do dispositivo da sexualidade, aquela que pergunta pela verdade do sexo e pela nossa verdade no sexo. (Andrade, 2007, p. 244).

Baseado nos estudos de Thomas Laqueur (2001) e de Michel Foucault (2014a), Paul B. Preciado afirmará que: “se Herculine está condenada à morte (ou melhor, ao suicídio), é exatamente porque se localiza no ponto de ruptura de duas epistemes da sexualidade.” (2023, p. 364). A sexualidade passa de uma epistemologia de semelhanças na época clássica para uma epistemologia de diferenças na modernidade. Até o século XVII imperava o modelo monossexual, que tem por referência de perfeição o corpo e a subjetividade masculina, pertencendo o feminino a um grau mais rebaixado, incompleto e imperfeito (Preciado, 2022, p. 30).

A partir do século XVIII o feminino vira uma entidade independente, as ficções científicas do que chamamos de homem e mulher passam a ser dois corpos anatômicos, cada um com suas particularidades. Porém, se na época clássica a distinção do sexo envolvia “posição social, grau de liberdade, desejos, roupas, comportamentos e espiritualidade” (Leite, 2009, p. 288) contendo nessa lista os órgãos genitais como

⁶ “Guardou consigo o manuscrito, publicando apenas a parte que lhe parecia importante. Negligenciou as memórias dos últimos anos de Alexina – Tudo aquilo que, segundo ele, não passava de lamentos, recriminações e incoerências. Apesar das buscas, não foi possível reencontrar o manuscrito que A. Tardieu tinha em suas mãos.” (Foucault, 1982, p. 109). [Alexina é um dos nomes de Herculine, como alguns personagens a chamavam carinhosamente, Foucault se refere a Herculine como Alexina diversas vezes, sua preferência nos faz supor uma afeição que criou por ela].

“epifenômenos de uma ordem maior” (Decarli, 2025, p.5), na modernidade o corpo biológico, a verdade anatômica, passará a ser o definidor da masculinidade/feminilidade (Preciado, 2023, p. 70). A partir dessa mudança dois fenômenos modificam totalmente nossa concepção em relação ao sexo: 1) O corpo biológico é considerado pela primeira vez como anterior à cultura (Decarli, 2025, p. 5) ou seja, fruto da natureza. E 2) a cartografia sexual passa a ser cada vez mais um problema do sujeito (Leite, 2009, p. 303) e por isso mesmo, passível de correção.

O corpo de Herculine, a partir de 1955, as diversas ‘Herculines’ que existiram na história são os(as) pacientes pioneiros(as) da criação do gênero como “uma ferramenta clínica e de diagnóstico” (Preciado, 2023, p. 95) elaborada pelo fundador da endocrinologia pediátrica, John Money, como veremos no próximo capítulo. O auge da intervenção médica nos corpos dissidentes se dará com essa tecnologia médica. Quando a partir dos protocolos cirúrgicos e endocrinológicos tornou-se esteticamente possível “Estabelecer uma relação linear evidente entre sexo, gênero e sexualidade, fazendo do corpo uma inscrição legível e referencial sobre a verdade do sexo.” (idem, p. 364). Estando o discurso do gênero ainda em fase embrionária na época de Herculine, não lhe restam muitas alternativas. Ela já não pertence ao hermafroditismo clássico, nem chegou a ser o paciente intersexual, de qualquer forma sua condição política é trágica, se dá em um lugar experimental para o discurso médico que estava em transformação. Somente na era ‘farmacopornográfica’ sua condição patológica se tornará “curável”.

A efetividade da diferença sexual, enquanto uma epistemologia que tem por fundamento dois corpos naturalmente opostos (homem e mulher), só é possível de ser verossímil com a correção daqueles(as) que evidenciam sua falsidade. A história de como os corpos de pessoas hermafroditas foram capturados pelo dispositivo da sexualidade demonstra isso, o processo de normatização desses corpos se fez no intuito de manter uma hegemonia estética do que poderia ser considerado um corpo nessa nova mentalidade em que um corpo significa um sexo. Por mais trágica que seja a história de Herculine, ela demonstra certa resistência ao dispositivo que a captura, ao manter o seu sexo sempre incerto, Foucault parece ter reconhecido isso quando republicou seu diário.

3. PRECIADO

“Aceitar que a mudança
que acontece em mim
é a mutação de uma época.”
(Preciado, 2018)

No século XXI, Paul B. Preciado retoma e atualiza a discussão, situando-se como filósofo e corpo em trânsito que desafia a cisnormatividade, o binarismo e as tecnologias de gênero. Sua obra *Testo Junkie (Viciado em Testosterona)* é um ensaio corporal com duração de 236 dias de escrita, entre teorias, afetos, perdas, sexos e aplicações de *Testogel*. Trata-se de uma obra/experimentação que se dá no mesmo aspecto daqueles que migram de um lado ao outro do gênero. Não como um sonho tranquilo da nobreza privilegiada como quis Virginia Woolf⁷. No mundo em que vivemos, a transição figura mais como os sonhos intranquilos de Kafka⁸. Habitar a dissidência de gênero significa “deixar a esfera do humano e entrar num espaço subordinado de violência e controle.” (Preciado, 2022, p. 288).

Não se trata de um relato em que o sujeito encontra a verdade do seu sexo e a persegue, não há verdade a desvelar (2023, p. 10). A transição em Preciado se faz junto a um processo de desidentificação. Em face da mentalidade moderna de uma identidade sexual “determinada e determinante” (Foucault, 2014b, p. 82), Preciado responde com a descontinuidade de sua subjetividade. Dado o aspecto construtivo do gênero e da sexualidade, sua transição de gênero se desenvolve juntamente com sua contribuição à teoria anti-identitária (*queer*), onde na tentativa de fuga da normalização se propõe a “realizar aquilo que Teresa De Lauretis e Rosie Munoz chamaram, há tempo, de processo de desidentificação crítica.” (Preciado, 2010, p. 26).

Assim como foi o sexo para Foucault, para Teresa de Lauretis, o gênero se refere à tecnologia. Se em Foucault a sexualidade não tem forma masculina nem feminina, isso significa dizer que ela é “consequentemente masculina” (2019, p. 222). De Lauretis denuncia como a questão da sexualidade foi tratada por uma tradição de filósofos, que preferiram se calar sobre a opressão política do gênero. Para a filósofa, o gênero está

⁷ No romance *Orlando* de Virginia Woolf, o personagem homônimo, naquele momento um embaixador inglês de linhagem nobre, passa por uma transição de gênero ao dormir por dias, e acorda de repente sendo uma mulher que larga seu posto político para viver entre ciganos na natureza. Em outro momento de sua vida, retorna para a Inglaterra como Lady Orlando, uma aristocrata.

⁸ Assim começa a Obra *A Metamorfose* de Franz Kafka: “Quando certa manhã Gregor Samsa acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseado num inseto monstruoso.” (1997, p. 7).

sempre em constante construção e representação na mídia, nas instituições, nas práticas e nos discursos “que produzem diferenças sexuais” (2019, p. 214). Ele é “produto e processo tanto de representação quanto de auto-representação.” (2019, p. 217). Sua função é a de transformar o sujeito em homem ou mulher e sua efetivação ocorre quando há uma incorporação do sujeito, tornando seu corpo *engendrado*. O gênero é parte da nossa identidade, somos o nosso gênero, estabelecemos com ele uma relação de consumo e produção, extremamente normatizada e normatizante.

Para além do campo teórico, o processo de autoconscientização do gênero através da experiência pessoal e política parece nos impedir de um retornar à “inocência da biologia” (2019, p. 231). A força da não-identificação total ao nosso gênero reside no entendimento do mesmo enquanto construção técnica. De Lauretis nos convida a adentrar o gênero de um outro lugar, a partir de seu *Space-off*, para então contemplar o funcionamento de diversas tecnologias.

Essa desidentificação atinge um outro grau em Paul B. Preciado que aposta justamente, com ressalvas, em uma possibilidade negada por De Lauretis: a androginização do corpo⁹. A filosofia preciadiana propõe uma experimentação política das tecnologias de gênero, um uso mais espontâneo das tecnologias biomédicas criadas para a normatização dos corpos dissidentes na era farmacopornográfica. Ao citá-lo, Abigail Campos Leal fala assim da sua transição:

A desidentificação foi e ainda é fundamental na construção das minhas transfeminilidades [...] A desidentificação parece empurrar-nos num movimento nômade de construção de uma subjetividade e corporeidade que ainda nem compreendemos. (2021, p. 71).

Na sua filosofia, a identidade sexual é vista enquanto um efeito traumático de uma gestão violenta da biopolítica (Preciado, 2023, p. 361). E a desidentificação surge como “condição de emergência do político como possibilidade de transformação da realidade” (2023, p. 378). Preciado fala assim da sua transição:

Eu quis funcionar com a testosterona, produzir a intensidade do meu desejo em conexão com ela, multiplicar meus rostos metamorfoseando minha subjetividade, fabricar um corpo como se fabrica uma máquina revolucionária. (2020, p. 28).

Em *Testo Junkie* a desidentificação torna-se uma micropolítica, um exercício de resistência ao novo modelo de subjetivação, a farmacopornografia. Junto à investigação

⁹ Teresa de Lauretis descreve assim o processo de androgenização: “Reivindicando a mesma experiência de condições materiais para ambos os gêneros de uma mesma classe, raça ou cultura.” (2019, p.219).

de uma genealogia dos hormônios sintéticos, o filósofo começa a utilização de *Testo Gel*, o hormônio se torna um experimento teórico e prático:

Não tomo testosterona para me transformar em homem, nem sequer para transexualizar meu corpo. Tomo simplesmente para frustrar o que a sociedade quis fazer de mim, para escrever, para trepar, para sentir uma forma pós-pornográfica de prazer, acrescentar uma prótese molecular à minha identidade transgênero *low-tech* feita de dildos, textos e imagens em movimento, para vingar sua morte. (2023, p. 14).

Sendo a identidade uma ficção política, a transição vira um meio, mas nunca um fim. Paul B. Preciado não passa de um sexo ao outro ou de um gênero ao outro, é o caminho da dissidência que percorre. O homem trans nunca torna-se um homem cis, sendo uma outra forma de subjetividade. Ele não é uma mulher que se torna um homem. Beatriz não se torna Paul, tampouco Paul continua sendo Beatriz. Seu antigo eu é conservado em seu nome como “uma parte”¹⁰ de quem ele já foi um dia. Esse movimento de não negar a complexidade de sua subjetividade, sua história política, é também sua forma de desidentificação, para além da experimentação corporal, tratando de não adentrar totalmente uma identidade ou de entender que existe uma impossibilidade nisso.

Frente ao discurso médico do “Transsexual verdadeiro”¹¹, o filósofo trans aposta em uma experimentação não representável, por isso mesmo mais própria, contudo não apropriada. Se em Teresa de Lauretis a desidentificação dá-se em uma tomada de consciência do gênero enquanto rede técnica, em Paul B. Preciado ela atinge uma esfera prática de experimentação material e de transformação subjetiva.

¹⁰ [O B. em seu nome é de Beatriz, antigo nome de Paul]: “Para mim, Beatriz é uma parte de Paul.” Entrevista com Paul B. Preciado, filósofo da teoria Queer (**Betevé**). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=04Uibmsg0zc>>

¹¹ “O/a verdadeiro/a transexual, para [Harry] Benjamin, é fundamentalmente assexuado e sonha em ter um corpo de homem/mulher que será obtido pela intervenção cirúrgica. Essa cirurgia lhe possibilitaria desfrutar do *status* social do gênero com o qual se identifica, ao mesmo tempo em que permitiria exercer a sexualidade apropriada, com o órgão apropriado.” (Bento, 2017, p. 149).

3.1 FARMACOPORNOGRAFIA

Se o dispositivo Foucaultiano é para Agamben aquilo que tem a capacidade de captura do ser vivo e de criação de um sujeito (Agamben, p. 39). Essas classificações não darão conta de explicar o processo de sujeição frente a um outro modelo de corpo e de biopoder que surgirá na Farmacopornografia (Preciado, 2023, p. 154). O corpo, visto como um “um arquivo vivo de seus processos de incorporação.” (Braz, 2022, p. 20), é constituído na filosofia preciadiana, para além das técnicas externas da disciplina, junto a criação da ciência endocrinológica há um proliferação de técnicas cada vez mais penetrantes. Engolimos, cheiramos, passamos, injetamos, nos misturamos a ponto de não nos distinguimos (Preciado, 2023, p. 75). *Soma* (corpo) e *Techné* (tecnologias) pertencem a uma imbricação material que chamamos corpo, fomos transformados, por fim, em seres “tecnovivos” (nota 31, p. 422).

A Farmacopornografia é o modelo de gestão política e econômica do capitalismo contemporâneo, originado em 1950 com a invenção do termo gênero, a criação de um conjunto de tecnologias do corpo provenientes do pós-guerras, a produção de filmes pornográficos e a comercialização de moléculas sintéticas que serão responsáveis pelo desenvolvimento de tecnologias de controle interno, molecular, que regulam a subjetividade e modificam radicalmente o campo das identidades sexuais. Na composição desse termo, fármaco é relativo "aos processos de governo biomolecular" e pornográfico aos processos "semióticotécnico da subjetividade sexual". Sendo estes, os motores de produção do novo sujeito farmacopornográfico. Partindo da premissa que sexo, sexualidade e raça são ficções somáticas, ou seja, que ganham corpo num regime de poder específico porque passam a constituir o sujeito. Preciado buscou analisar a relação existente entre os termos a partir de uma genealogia dos hormônios sintéticos. Nesse novo regime de poder, a invenção da pílula Enovide e da revista Playboy serão os efeitos responsáveis por uma virada de paradigma (Preciado, 2023, p. 21 - 49).

A história por trás da produção da pílula Enovid da empresa estadunidense Searle, em *Porto Rico*, evidencia a relação entre gênero e raça nesse novo modelo político. Em 1950 a ilha é transformada em um laboratório farmacopornográfico. A combinação de estrogênio e progesterona desenvolvida para o controle da reprodução feminina nasce como um “dispositivo eugênico urbano” (Preciado, 2023, p. 169). Antes de se tornarem

as moléculas mais consumidas da história da humanidade, a pílula foi testada em mulheres racializadas e após um resultado positivo foi exportada para o uso seguro das mulheres americanas brancas. No entanto, como veremos a seguir, são diversos os usos dos hormônios sintéticos. A pílula não serviu apenas para a gestão política do corpo, da raça e da reprodução de corpos lidos como femininos, posteriormente essa combinação molecular foi transformada em um biocódigo de gênero, usado tanto por mulheres cis como trans e travestis para a ativação de fenótipos femininos.

A criação da revista *Playboy* em 1953 por Hugh Hefner, primeira revista pornográfica em circulação nos Estados Unidos, ganhou outros rumos quando Hefner transformou sua antiga casa na cidade de Chicago na Mansão *Playboy*. Um modelo arquitetônico que serve como uma experimentação do dispositivo de subjetivação de uma masculinidade hétero dominante, que junto à explosão da pornografia logo será ampliado como um modelo multimídia, uma dinâmica masturbatória de excitação-frustração¹² apropriada pelo capitalismo como seu principal recurso, aquilo que consegue mobilizar nos corpos como fonte de consumo.

O dispositivo da sexualidade Foucaultiano nos oferta o desejo do sexo¹³, mas a sexopolítica preciadiana oferece-nos o sexo. No regime farmacopornográfico, a sexopolítica será a ação biopolítica de regulação do sexo, termo que engloba “os órgãos chamados sexuais, as práticas sexuais e também os códigos de masculinidade e de feminilidade, as identidades sexuais normais e desviantes.” (Preciado, 2011, p. 11). Essa regulação é feita através da criação de dispositivos que possuem a pretensão de naturalização do sexo, através dos efeitos de “técnicas mecânicas, semióticas e arquitetônicas” (Preciado, 2023, p. 72) responsáveis por transformar ficções políticas (homem, mulher, heterossexualidade, homossexualidade, transexualidade, interssexualidade) em realidades tangíveis e comerciais. Essa naturalização do sexo, no entanto, só é possível nesse contexto com a criação do gênero farmacopornográfico enquanto “conjunto de técnicas que constroem a materialidade dos sexos.” (Decarli, 2025, p. 9).

O novo regime de poder criado a partir do desenvolvimento das indústrias farmacêuticas e do sexo produzem um novo sujeito, que além de um sexo único, agora

¹² Chamado por Preciado de *Potentia gaudendi*, esse conceito não será trabalhado aqui, para saber mais conferir *Testo Junkie*, p. 37-49.

¹³ “O dispositivo de sexualidade suscitou um de seus princípios internos de funcionamento mais essenciais: o desejo do sexo.” (Foucault, 2014a, p. 171).

ganha um gênero correspondente. Esse(a) novo(a) personagem adquire também uma identidade que pode ser produzida, comprada e modificada tecnicamente.

3.2 TECNOGÊNERO

A tese de Preciado é a de que a criação do gênero seria fruto de uma tentativa de superação de uma crise da epistemologia da diferença sexual. A produção de tecnologias cirúrgicas e endocrinológicas que essa ferramenta permitiu criar, serão usadas na tentativa de realocar corpos de dissidentes na mesma epistemologia que antes o deixavam à margem. Homens com boceta, mulheres com pau, órgãos duplos, corpos não identificados na cartografia sexual cis hétero branca. Se antes esses corpos eram considerados erros, perversões, crimes agora são patologias com possibilidade de “cura”. Isso tudo significa: A “construção técnica da diferença sexual” (2023, p. 101).

Em 1955, John Money, denomina gênero “o pertencimento de um indivíduo a um grupo de comportamento e expressão corporal culturalmente reconhecido como masculino ou feminino” (Preciado, 2023, p. 25). distinguindo do sexo, o gênero nasce como uma solução médica para corpos de bebês que possuíam órgãos genitais de difícil identificação aos rígidos requisitos anatômicos da binariedade masculino/feminino. Isso o levou a afirmar que a partir de procedimentos cirúrgicos e endocrinológicos “o gênero e a identidade sexual seriam modificáveis até os 18 meses” (Bento, 2017, p. 36).

Um outro paciente é realocado na construção técnica do dimorfismo sexual: adultos que expressam desejo de pertencer a outro sexo, esse sujeito que quer transitar de gênero voluntariamente, é capturado pelo dispositivo da transexualidade (Bento, 2017) e indicado a uma série de ações normatizantes do seu corpo e gênero, que buscam: I) o diagnóstico como verdadeiro transexual, II) Remoção da qualquer ambiguidade comportamental e III) a produção técnica do dimorfismo de gênero. Baseado em um ideal universal do “sujeito transexual”, criado pelo saber médico, iniciado com o conceito de ‘disforia’ de John Money e popularizado por Harry Benjamin nos seus protocolos normatizantes de saúde Trans.

O que se vê nesses dois casos é a tentativa desesperada de conservar a tese da verdade do sexo, do ideal de corpo que abriga apenas um sexo, da diferença natural entre homem e mulher, que em termos diretos se refere a uma estética anatômica impregnada da “ontologia política do patriarcado” (Preciado, 2022, p. 32). A existência de corpos que fogem ao binarismo da diferença sexual poderia ter levado o saber médico a concluir que era preciso formular uma nova epistemologia sexual, mais

realista à praxe, porém “o que se faz é intervir diretamente na estrutura orgânica do corpo para reforçar a diferença sexual.” (Decarli, 2025, p. 8).

O corpo do Intersexual e do Transsexual servem como denúncia ao aparato técnico do gênero, ao qual estamos todos(as) submetidos(as). Tendo em vista que a “experiência transexual [...] quebra a causalidade entre sexo/gênero/desejo e desnuda os limites de um sistema binário assentado no corpo sexual” (Bento, 2012, p. 21), por inferência, podemos entender o mesmo com a experiência intersexual, sendo o(a) hermafrodita o pai e a mãe das identidades transsexuais (Leite, 2009). Essas experiências possuem como condição de sua existência a força da contradição, tratando justamente dos dois casos-limites (Preciado, 2022b, p. 13) da diferença sexual. De forma sagaz, Preciado aponta a discordância nos próprios mecanismos de poder destinados a causar um mesmo fim nesses dois pacientes do sistema médico de saúde.

Nos protocolos que gestam os pacientes interssexuais a verdade científica se encontra na anatomia, em função de uma ontologia ótica, é no exame do corpo que se verifica o erro e a possibilidade de cura. Já no caso dos pacientes transsexuais, a verdade científica encontra-se no campo psicológico, em uma ontologia imaterial, é preciso encontrar o erro em certa disposição psicológica, que causa uma desordem entre o corpo e a mente. Esses processos de atribuição e da reatribuição do sexo, parecem compostos de modelos paralelos, fundamentos biológicos e psicológicos que demonstram a contigência de suas verdades ao por em funcionamento dois modelos de corpos que não dialogam. Nos diz o filósofo trans:

É necessário imaginar os ideais biopolíticos da masculinidade e da feminilidade como essências transcendentais das quais pedem estéticas de gênero, códigos normativos de reconhecimento visual, convicções psicológicas invisíveis que levam o sujeito a se afirmar como masculino ou feminino, como homem ou mulher, como heterossexual ou homossexual, como cis ou trans. (Preciado, 2023, p. 98).

A quem diz respeito a tecnologia de gênero? Não apenas esses dois pacientes estão imersos nessa rede. Se desde o nosso nascimento recebemos um nome, um gênero, um sexo, também passamos por uma mesa de operação abstrata, ficamos à mercê de diversas tecnologias responsáveis pela formulação da nossa subjetividade e determinação do nosso sexo e gênero:

A etiologia pré-natal, a amniocentese, a ecografia, a citologia, a análise cromossômica, a avaliação hormonal (e a prescrição de gonadotrofina, esteroides etc.), os exames genitais (de apalpação à radiografia), assim como o conjunto de procedimentos cirúrgicos destinados a reduzir ou a erradicar toda ambiguidade sexual. (Preciado, 2022b, p. 129).

Dela saímos menina ou menino, o(a) interssexual é descoberto(a) nesse primeiro momento e corrigido(a), enquanto o(a) transsexual só passará pela segunda mesa depois. As duas mesas de operação possuem algo em comum: “As formulações sobre a pertinência de intervenções nos corpos ambíguos dos intersexos e dos transexuais terão como matriz comum a tese da heterossexualidade natural.” (Bento, 2017, p. 37). Fica claro, nesse processo, que a heterossexualidade é mais que uma prática sexual, é como quis Monique Wittig (2002), um regime político. A base epistêmica que torna alguns corpos inteligíveis (Preciado, 2022b, p. 129) em prol da monstruosidade de outros. O corpo sexual não é fundamentado em verdades *a priori*: “Não há verdade anatômica independente das práticas culturais e políticas de repetição coercitiva, que nos levam a ser homens ou mulheres.” (2023, p. 354).

A genealogia dos hormônios que Preciado faz em *Testo Junkie* não pretende demonstrar alguma artificialidade nas identidades dissidentes de gênero. Seu intuito está mais para apontar como o próprio gênero equivale a uma rede técnica na qual estamos todos inseridos de forma desigual. Todos nós participamos do tecnogênero, somos, consumimos e reproduzimos ele. Todos nós já fomos cortados por bisturis e tivemos a viscosidade do gênero injetada de forma intramuscular, seja na forma de *Deposteron* ou de *biocódigos*¹⁴ femininos/masculinos. A questão aqui é:

Quem tem acesso aos tratamentos hormonais? E de acordo com quais diagnósticos clínicos? De que maneira classe e raça modificam a distribuição e o acesso às tecnologias de produção de gênero?. (Preciado, 2023, p. 121).

Todo corpo faz gênero. Diariamente compramos o gênero, na farmacopornografia o gênero está literalmente “à venda” (Preciado, 2023, p. 221). No entanto, enquanto o poder firmar suas técnicas e o Estado regular seus aparelhos, fazer gênero será um processo desigual afinal “Quantas mulheres cis fizeram pelo menos dois anos de terapia pra colocar mais um litro de silicone em cada peito?” (Nascimento, 2021, p. 140). Ou precisaram passar por algum teste e obter algum diagnóstico para começar a usar a pílula? Para modificar o rosto, a voz, ou qualquer parte do corpo? Quantos homens cis tomam testosterona ou algum composto hormonal para ganha massa muscular ou ter ereção sem qualquer empecilho moral? Ou precisam de algum acompanhamento psicológico para modificar cirurgicamente o pênis? A questão é: como são esses critérios para se obter o certificado de “transsexual verdadeiro”? Ou de dissidentes

¹⁴ “Linguagem, formas de se vestir, hormônios, próteses.” (Preciado, 2023, p. 119).

verdadeiros? Ou por que é preciso um diagnóstico patologizante para pessoas que não são consideradas “mulheres verdadeiras” ou “homens verdadeiros” terem o mesmo direito que as que o são?

O poder farmacopornográfico produz e fixa a cis-heteronormatividade [...] Enquanto para os corpos cisgêneros, em geral, o uso de biomoléculas é algo popularizado, principalmente dentro das sociedades ocidentais, para os corpos transgêneros, o uso passa por crivos morais e patologizantes. (Nascimento, 2021, p. 138).

Se tratando de um processo violento, não é de se estranhar que Paul B. Preciado tenha decidido iniciar a aplicação de *Testo Gel* de maneira excêntrica, à maneira dos seus hackers de gênero. Ao dispositivo da transsexualidade, Preciado responde junto a seus diversos Orlandos: “Meu sexo não está em dúvida!”¹⁵.

Os avanços técnicos da farmacopornografia permitiram a criação do gênero enquanto ferramenta clínica de correção dos corpos Intersexuais e Transexuais. Esses novos mecanismos normalizantes tem por base a heterossexualidade natural, vista aqui como mais que uma orientação sexual, uma epistemologia que dá significação aos corpos. Se nesse novo regime de poder, todos(as) estamos inseridos(as) na produção do gênero, o questionamento de Preciado passa a ser a respeito da desigualdade e violência que essas novas tecnologias produzem e mantêm. Sua filosofia pode ser entendida, em linhas gerais, como convite para uma participação ativa dos sujeitos nesse processo, assim fazendo sua desidentificação.

¹⁵ *Orlando: Minha Biografia Política*. Direção: Paul B. Preciado. França: Filmes do Estação, 2023. Documentário, 98 min. Estreou no Festival de Berlim, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A originalidade da filosofia de Michel Foucault nos permitiu repensar aquilo que já estava dado enquanto uma verdade totalizante. Como consequência de um poder direcionado a regulação da vida, a sexualidade passa a ser entendida enquanto um campo do saber/poder que normatiza condutas, e quando não, as segrega. Vimos que a partir desse novo direcionamento um outro modo de se pensar o poder e a sexualidade foi concebido, assim nasce a teoria *queer*, um campo político/prático que desenvolve a criação de um mundo mais possível para as nossas diferenças.

Herculine Barbin, como muitas outras vidas esquecidas, nos serviu de mártir. Seu relato foi visto nessa pesquisa como uma resistência, mesmo que trágica, ao dispositivo de sexualidade que a captura. Sua trajetória, recuperada por Foucault, nos alertou dos terríveis mecanismos de dominação que estavam em andamento para a correção dos corpos dissidentes. Na investigação dos fundamentos que levaram à caça a identidade, foi possível entender que as relações de verdade e sexo serviram ao discurso médico e jurídico para a construção do mecanismos de normatização, que objetivaram construir na praxe as suas verdades científicas.

Paul B. Preciado e Teresa De Lauretis foram trazidos(as) nesta pesquisa como os(as) filósofos(as) da teoria *queer* que utilizaram de ferramentas foucaultianas para pensar o gênero e como forma de resistência à sua dominação articularam um projeto de desidentificação. De Lauretis defendeu que era preciso uma conscientização do sujeito e das redes tecnológicas de gênero em que estão inseridos, já o filósofo trans Preciado, aposta em uma experimentação de identidade e corpo, em vista de um novo modelo de capitalismo que colocou em andamento um outro regime de subjetivação onde o gênero passou a ser não apenas consumido, mas produzido tecnicamente.

Há dois séculos a dissidência sofre um extermínio político¹⁶, quando não tiram sua vida¹⁷, lhe roubam aquilo que a torna excêntrica com o uso das tecnologias de normalização. A grande tecnologia da modernidade, o biopoder, tem seu rosto sujo de sangue e proclama incessantemente: É preciso que eles, elas e elus morram, para que eu

¹⁶ “O que a medicina, psiquiatria e psicanálise fizeram com as minorias sexuais nos últimos dois séculos é um processo comparável de extermínio institucional e político.” (Preciado, 2022, p. 40).

¹⁷ Em 2024, o Brasil se consagra o 16º país que mais mata pessoas trans no mundo pela Transgender Europe (TGEU).

viva.¹⁸

Não há saída ao poder, mas dentro da relação de poder há resistências:

Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder. Portanto, não existe, com respeito ao poder, *um* lugar de grande Recusa [...] mas sim resistências, no plural, que são casos únicos: possíveis, necessárias, espontâneas, selvagens, solitárias, planejadas, arrastadas, violentas, irreconciliáveis, prontas ao compromisso, interessadas ou fadadas ao sacrifício. (Foucault, 2014a, p. 104, grifo do autor).

O corpo do(a) dissidente é um lugar de disputa entre dispositivos e potência política. Poder e Resistências. Normatividade e monstruosidade. Se por um lado nos constituímos pelo poder, por outro possuímos alguma potência na experimentação. Há sempre outro modo de ser e pensar dentro da relação de poder (Oksala, p. 129). Contrário ao domínio, é a direção do corpo a liberdade, nunca totalmente realizada (assim como o domínio), mas criadora de subjetividades outras (Aggio, 2019, p. 117).

Os “diários da dissidência” não apenas narram trajetórias de subjetividades deslocadas, eles fazem da linguagem um espaço político onde o impensável se anuncia. Ao final, é possível afirmar que, ao escreverem, Barbin e Preciado não apenas contam suas trajetórias dissidentes, nos mostram como resistem aos dispositivos impostos. A primeira mantém sua sinceridade até o último dos seus dias e o segundo inicia uma busca por “identificações estratégicas, desvios das tecnologias do corpo e desontologização do sujeito da política sexual” (Preciado, 2011, p. 15) em seu processo de desidentificação.

O que emerge desses textos é uma filosofia encarnada, porosa às experiências e sensível à potência da diferença. Ao longo deste trabalho, propus compreender os escritos de Herculine Barbin e Paul B. Preciado como formas filosóficas de resistência à normatividade dos gêneros e das sexualidades. Suas narrativas não apenas descrevem experiências de dissidência, mas produzem novas possibilidades de existência e de pensamento. Entre o silêncio imposto e a linguagem reapropriada, entre o diagnóstico médico e a reinvenção do corpo, essas vozes continuam ecoando como gesto ético e político de desobediência.

¹⁸ [A] “existência do Outro como um atentado contra minha vida, como uma ameaça mortal ou perigo absoluto, cuja eliminação biofísica reforçaria meu potencial de vida e segurança.” (Mbembe, 2020, p. 20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, Elias *et al.* Arqueologia do corpo: objeto, arquivo e resistência. In: *Anais do XXI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão*. Cruz Alta: UNICRUZ, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo?*. In: *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Nilcéia Valdati. Chapecó-SC: Argos, 2009.
- AGGIO, Juliana. *Por uma sexualidade livre à luz de Foucault*. Princípios, Revista de Filosofia da UFRN, p. 115-141, v. 26, n. 50, 2019.
- ANDRADE, Daniel Pereira. *Vidas paralelas: Foucault, Pierre Rivière e Herculine Barbin*. Tempo Social, Revista de Sociologia da USP, p.233-252, v. 19, n. 2, 2007.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. 3 ed. Salvador: Devires, 2017.
- _____. *O que é transexualidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOURCIER, Sam. *Queer zones I: políticas das identidades sexuais, das representações e do saber*. São Paulo: n-1 edições, 2020.
- BRAZ, Emília. *O normal é tecnológico: A cisgeneridade como somatécnica*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Ciências Sociais, Chapecó, SC, 2022.
- DECARLI, Letícia Conti. *Incorporações protéticas em Paul B. Preciado: para acabar com a Natureza*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, p. 121-156, v. 33, n. 1, e91897, 2025.
- DE LAURETIS, Teresa. *A tecnologia de gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. São Paulo: Paz & Terra, 2014a.
- _____. *Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.
- _____. *Aula de 17 de março de 1976*. In: FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 211–222.

- _____. *Microfísica do poder*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- _____. *O verdadeiro sexo*. In: Ditos e escritos, volume V: Ética. Sexualidade. Política. 3ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b.
- FURTADO, Rafael; CAMILO, Juliana. *O conceito de biopoder no pensamento de Michel Foucault*. *Subjetividades, Revista de Psicologia da UNIFOR*, v. 16, n. 3, p. 34-44. 2016.
- GUIBERT, Hervé. *Ao amigo que não me salvou a vida*. São Paulo: Todavia, 2023.
- KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEAL, Abigail. *Ex/orbitâncias: os caminhos da deserção de gênero*. São Paulo: Glac, 2021.
- LEITE, Jorge. “*Que nunca chegue o dia que irá nos separar*”: notas sobre epistémé arcaica, hermafroditas, andróginos, mutilados e suas (des)continuidades modernas. *Cad. Pagu, Campinas*, n. 33, p. 285-312, Dez. 2009.
- LINDON, Mathieu. *O que amar quer dizer*. São Paulo: Editora Nós, 2023.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. 7 ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MORAIS, Pedro. *Capitalismo Disciplinar: Poder normativo em Michel Foucault*. *Sapere Aude, Revista de Filosofia da PUC Minas*, v. 14, n.27, p. 407-414. 2023.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- OKSALA, Johanna. *Liberdade e corpos*. In: Michel Foucault: conceitos fundamentais, (org.) Dianna Taylor. Trad. Fábio Creder. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- _____. *Transfeminismo no Regime Fármaco-Pornográfico*. In: *Le cinque giornate lesbiche in teoria*. Tradução de Thiago Coacci. Roma: Futura Editrice, 2010.
- _____. *Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”*. *Estudos Feministas, Florianópolis*, vol. 19 (1): 11-20, janeiro-abril/2011.
- _____. *Eu sou o monstro que vos fala: Relatório para uma academia de psicanalistas*. Trad. de Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2022.
- _____. *Manifesto contrassexual: Práticas subversivas de identidade sexual*. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2022b.
- _____. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. São Paulo: Zahar,

2020.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase – orientações pós-seculares*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

WOOLF, Virginia. *Orlando: uma biografia*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.